

AÇÃO DIRETA

Diretor: SÔNIA OITICICA

Diretor-Fundador: JOSÉ OITICICA

Administrador: IDEAL PERES

Redação:
Avenida 13 de Maio, 23 — 9.º andar — Sala 922
RIO DE JANEIRO

MENSÁRIO ANARQUISTA
Registro SI/P — 214 de 8-3-1946

AVULSO: CR\$ 2,00
Assinatura anual Cr\$ 50,00
Pacotes (12 exemplares) Cr\$ 20,00

Os anarquistas rejeitam qualquer solução que mantenha, temporária ou definitivamente, o Estado, sob qualquer feição, isto é, a propriedade particular assegurada por uma organização compressiva.

JOSÉ OITICICA

A campanha contra a guerra e o nacionalismo

A guerra é o mal dos males. Sendo o produto da corrupção de todos os bons sentimentos do homem, é causadora de toda sorte de degradações, de misérias, de infelicidades, de desgraças, de calamidades; não tendo nenhuma justificação natural, é inumana e anti-social; estrangulando os pendores solidaristas dos homens, transforma em glória o crime de morte quando praticado em massa; sem nada produzir, tudo destrói, causando o empobrecimento geral; exaltando todas as mais vis paixões, avilta o homem, arrastando-o à prática de todas as deformações morais e físicas. O mercantilismo, o suborno e a venalidade, a miséria e a prostituição, a desordem e a peste formam o seu trágico séquito.

Essa é a história, triste, sangrenta e dolorosa das guerras de todos os tempos. E as duas últimas conflagrações quinta-essenciam tudo quanto de ruim possa ser encontrado nos negros meandros das guerras anteriores. Envolvendo, direta ou indiretamente, toda a humanidade, tudo, mas absolutamente tudo, foi mobilizado e posto ao serviço da destruição. Todos os aperfeiçoamentos da técnica, das artes e da ciência, conseguidos pelos ingentes esforços de todas as gerações e que deveriam servir para proporcionar bem-estar à humanidade, foram empregados, com requintes de cuidados, para provocar friamente, calculadamente, horribles hecatombes e destruições inconcebíveis.

A capacidade produtiva do homem foi elevada a um grau de desenvolvimento até então desconhecido para conseguir uma produção em massa jamais verificada e isto, não para atender as grandes necessidades da comunidade humana, mas, justamente, para o contrário, para agravá-las, para espalhar a miséria e a dor por toda parte. As riquezas consumidas e destruídas na última guerra bastariam para proporcionar a abundância a milhões de criaturas atiradas à miséria.

Tais sempre foram e continuarão a ser as consequências da guerra.

Mas, se nenhum bem resulta da guerra e somente males produz, por que, então, não é evitada? Porque a guerra é um fenômeno imane da sociedade burguesa e somente desaparecerá quando cessar o domínio do capitalismo, cujo regime tem suas bases, em seus aspectos moral, político e econômico, no princípio de autoridade, sintetizado no Estado.

A propriedade particular determina a concorrência, que gera ambições e rivalidades comerciais de caráter internacional, animando as manobras imperialistas nas disputas de mercados para o escoamento de mercadorias. E dessa luta de interesses econômicos do capitalismo resulta a guerra.

Naturalmente, não é sob esse odioso aspecto que a origem das guerras aparece ao julgamento do povo. O capitalismo é hábil e matreiro e dispõe de todos os elementos materiais e intelectuais para mistificar a opinião pública. O nacionalismo é o instrumento com que agitam as paixões guerreiras. A religião e as prevenções raciais também fornecem à burguesia pretextos para agitações que possibilitam as guerras.

O apêgo à terra de nascer é transformado em nacionalismo exacerbado, ferindo-se, para isso, os sentimentos populares com a exploração de pretextos emocionais geralmente forjados para esse fim.

A guerra é, portanto, um crime de lesa-humanidade e, como tal, não pode deixar de ser condenada por todas as pessoas de sentimentos normais.

O movimento anarquista sempre a repudiou, sempre a condenou e combateu. Pode-se mesmo afirmar que o movimento pacifista tem tido nos anarquistas os seus mais sinceros, dedicados e ativos militantes, fornecendo, talvez, o maior contingente de vítimas de perseguições em consequência das agitações realizadas nesse sentido.

A história do movimento libertário brasileiro está cheia de iniciativas de caráter pacifista, de mani-

festações contra a guerra, de lutas contra o domínio do militarismo.

Provam isso as coleções dos jornais anarquistas, em cujas páginas, além da literatura e ilustrações desse caráter, é encontrado o noticiário do que se fez contra as guerras. Ficaram memoráveis as agitações pacifistas, de repercussão nacional, promovidas pela Confederação Operária Brasileira, orientada pelos libertários, em fins de 1908 e repetida no primeiro semestre de 1915 bem como a campanha contra o sorteio militar, levada a efeito em todo o país, também pela C. O. B., em 1915 e que deu motivo à publicação do jornal libertário anti-militarista "Não mataráis!".

Ainda por iniciativa dos anarquistas, realizou-se em 1919, no Rio de Janeiro, um congresso pacifista, com a participação de representantes de outros países, tendo, ainda, os libertários brasileiros, participado da promoção de um congresso contra a guerra, em Ferrol, Espanha, sucumbindo, em Portugal, em consequência de brutalidades policiais, um dos dois representantes que daqui para lá, então, seguiram, afim de participarem dessa manifestação internacional contra a primeira conflagração.

Essa luta mundial pela paz não tem deixado de produzir resultados. Se, infelizmente, não chegam a evitar que as guerras se deflagrem, também, lamentavelmente em virtude de manobras políticas dos mistificadores do movimento socialista, contribuem, sem dúvida, para alimentar a crescente repulsa que merecem. Somente aqueles que delas possam tirar proveitos é que, não apenas as aceitam, mas justificam e provocam.

Suportando-as pela força, o povo, que nelas serve de carne para canhão, sempre que pode, delas se serve para se rebelar e estabelecer novas formas de convívio social.

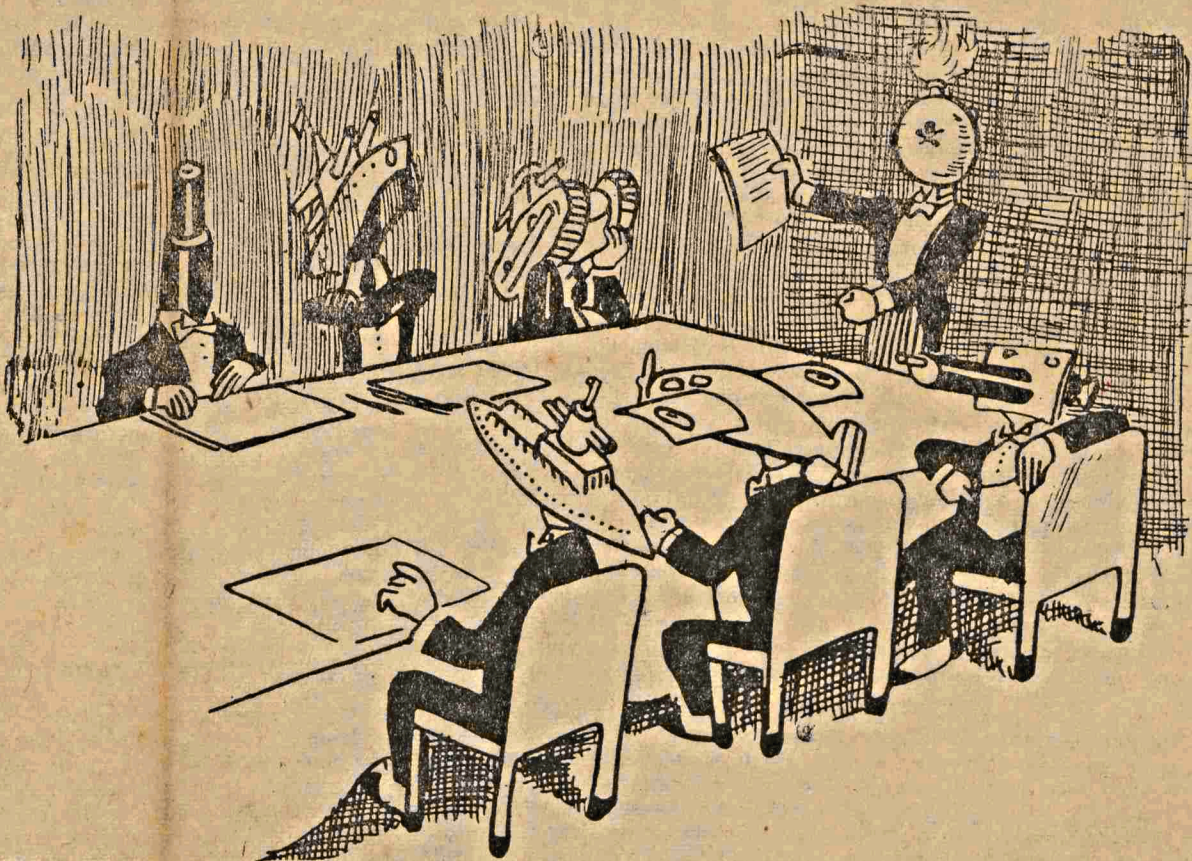
A campanha contra a guerra tem, entretanto, de ser parte integrante da luta contra o regime capitalista, que a produz.

Cessando o domínio da burguesia, feita a transformação social e estabelecido o regime socialista-libertário, a guerra não será mais possível, visto como terão desaparecido todos os elementos que a provocam: o Estado, com sua autoridade dominadora; as fronteiras artificiais que separam e inimizam os povos; o militarismo profissional, que alimenta o espírito guerreiro, para justificar a sua função; o capitalismo, com o salariato escravizador e a concorrência que origina as disputas; o dinheiro, com suas ambições e crimes; finalmente, o regime da exploração do homem pelo homem, que será substituído pela anarquia, sistema baseado na igualdade social e que se desenvolverá por meio do livre-acôrdo e do apoio-mútuo.

A luta contra a guerra não pode naturalmente, deixar de envolver o militarismo, visto ser ele o elemento da ação guerreira.

Sem nada de útil produzirem, efetivamente, para a comunidade, as forças armadas consomem a maior parte dos recursos reunidos pelos esforços da coletividade, com a agravante de fornecer ao capitalismo a base de sua dominação.

Afastando a mocidade — justamente a sua parte mais capaz — dos centros de trabalho, sujeitam-na à



Assim realizam os dominadores que tiranisam a Humanidade as conferências de paz.

TRISTE ODISSÉIA DOS REFUGIADOS HÚNGAROS

Conúbio de padres e reacionários contra os valentes combatentes de Budapeste
Mentirosas promessas complementadas por revoltantes brutalidades

No dia 23 de outubro de 1957, levantou-se o povo húngaro contra a opressão bolchevista. Levantou-se contra o comunismo desvirtuado, que já, traíçoeiramente, houvera massacrado os anarquistas na Rússia, exatamente na hora propícia à libertação da humanidade.

Após o esmagamento da heróica resistência dos operários e camponeses húngaros, após ter sido a cidade de mártir, Budapeste, estupidamente danificada pelos tiranos russos, pela segunda vez na história, 200 mil refugiados políticos, procurando fugir à sanha vandálica dos emulos de Stalin, entraram em países ditos defensores de uma pretensa liberdade.

Na Iugoslávia, 15 mil revolucionários esperavam encontrar um país que quisesse abrir suas fronteiras para eles, que lutavam pela liberdade do ser humano. Os revolucionários húngaros, em Budapeste, repentinamente tornaram-se exemplos vivos e gloriosos para todo o ser que não quer aceitar a demagogia bolchevista. Esses valentes foram procurados na Iugoslávia por emissários do Itamarati e da Ação Católica a fim de salvarem com o ardor da liberdade para outro fogo lento e duradouro, o fogo infernal do salário de fome, do

vida improdutivo dos quartéis, desambientando, dessa forma, a juventude das labutas nos centros de atividade útil à coletividade.

Em conclusão. Não obstante os horrores das últimas convulsões guerreiras, a ameaça de um novo conflito internacional atormenta a humanidade. É que sabem todos o que será esse novo crime social: uma hecatombe arrasadora, como faz esperar o grau de capacidade destruidora dos novos instrumentos de guerra.

Patenteia-se, portanto, a necessidade do prosseguimento da campanha — ativa e ininterrupta — contra a guerra e os elementos que a preparam, combatendo igualmente a obra deleteria daqueles que, dizendo-se adeptos da esquerda social, estão alimentando o nacionalismo corruptor dos sentimentos humanistas do socialismo.

Declare-se a sabotagem da guerra — não apenas por meio da propaganda, mas num movimento de ação direta na boicotagem em todos os setores, negando-se o proletariado a trabalhar em qualquer atividade de elementos para a guerra.

Guerra à guerra!

EDGARD LEUENROTH

tratamento desumano e da humilhação incompatível com a dignidade dos seres que pelejam por tão altíssimos ideais.

Foram feitas promessas mirabolantes aos refugiados húngaros. Casa própria com horta, móveis, roupas, utensílios e mantimentos para um mês, como início da nova vida. Sa-lário idêntico ao operário brasileiro. Na hora solene da assinatura do contrato o circunspecto funcionário do Itamarati apertou a mão dos futuros escravos dizendo: «Desde este momento vocês estão sob a proteção de um grande país e completamente livres. Não serão deportados para a Hungria tiranizada pelos bolchevistas».

A «ILHA DO DIABO»

No Brasil, o lugar de todo imigrante pobre é a Ilha das Flores, que passou a ser denominada «Ilha do Diabo». Nesse presídio disfarçado foi cometido odioso atentado contra seres humanos de gloriosa tradição rebelde. Existe no Brasil um Comitê Húngaro, composto de 11 membros, que são, na maioria, diretores de clubes recreativos, destinados a ludibriar a boa fé da opinião pública brasileira. O presidente é o padre beneditino dr. Severiano Kogl, que está substituindo outro padre beneditino, Emil Jordão, o qual foi nomeado pelo Papa para ser chefe religioso de todos os húngaros na América do Sul.

Esses dois batinos são peritos profissionais na perseguição de todo rebelde húngaro que não quer obedecer à cartilha do catolicismo. Mas faltava um terceiro elemento, instrumento civil, e foram encontrá-lo na pessoa do sr. Jacson Alberto, secretário da seção da Cruz Vermelha Brasileira.

FEIRA DE ESCRAVOS BRANCOS

Não tardaram os infelizes húngaros a verificar o grande lógro. O salário era a metade do que é pago ao operário brasileiro. Aluguel altíssimo e mantimentos fora do alcance de suas magras bolsas. Não sendo possível viver dessa forma, foram tentando outros empregos, porém sem resultado. Da América do Norte chegou um auxílio de 125 dólares por pessoa. O dinheiro foi distribuído no Palácio São Joaquim, sendo o dólar cotado ao cambio de 60,00, em vez de 100,00. Para maior desdita dos infelizes refugiados, o dinheiro foi pago em pequenas parcelas de 80 a 100 cruzeiros. Só recebeu dois mil cru-

zeiros quem se confessou e satisfizes as exigências religiosas.

Indignados, os operários húngaros exigiram com boas maneiras o cumprimento das promessas feitas nos campos de concentração na Iugoslávia ou o retorno à Europa, porque, aqui, eles não se sentiam suficientemente livres para negociar. Recusaram aceitar ou comprar qualquer coisa que fosse imposta pelo chanfallo da Polícia Militar e não acreditaram mais nas conversas falsas do padre Emil Jordão e de seu maquiavélico comparsa Kogl Severino.

Os dois padres e o servidor civil, antigo juiz de guerra do ditador húngaro, Nicolau Horti, inimigo feroz dos operários, não hesitaram em desencadear guerra, através da imprensa brasileira, contra os próprios contrarrevolucionários cuja representação se encontra em suas próprias mãos.

A imprensa comunista, por sua vez, não vacilou em satisfazer sua sede de vingança à custa desses desgraçados refugiados, em cujo ânimo arde a chama da rebeldia, necessária para impulsionar a humanidade no caminho de sua libertação.

No dia 8 de fevereiro de 1958, na capital da República cometeu-se um crime nefando e abominável.

O carrasco Jacson mandou sequestrar 60 «escravos brancos». A ilha estava sitiada por um destacamento da Polícia Militar, armada de metralhadoras e revólveres. Homens, mulheres e crianças, completamente indefesos, nada puderam fazer.

Desfazia-se o sonho maravilhoso do noivado com o Brasil. Novo destacamento foi buscar mais 60 «escravos brancos». Eram os «sem nomes», simples algarismos submetidos à vontade dos anos. Constituíam eles a ajuda prometida pela comissão norte-americana aos países subdesenvolvidos; porém tudo à revelia dos indomitos refugiados.

Falaram os padres no levantamento de 65 milhões de cruzeiros para fundar uma cidade em Goiás com o sangue e o suor desses defensores da liberdade.

Eles, operários instruídos, se recusaram a construir a pirâmide na qual os padres latifundiários constituiriam o ápice.

Veio a vingança vil, atroz. Foi pedida a intervenção contra os indefesos. Mulheres, crianças e homens foram brutalizados. Pontapés muros, bofetadas, bordoadas, numa demonstração de sadismo.

Nova e terrível ameaça foi lançada contra os refugiados húngaros (Continua na pág. 2)

VOZES DO INFERNO

Por Frei Demônio

“Caiu Pérez Jiménez, o tirano da Venezuela, que, em sua fúria liberticida, se voltara, nos últimos tempos, contra a Igreja...” — bimbam os órgãos do vaticano indígenu, um dos quais sentença: “Nenhum governo pode, impunemente, atacar a Igreja!”

— Pérez Jiménez (que acaba de cair, como todos os déspotas da História, vítima da megalomania que traz sempre, dentro de si, o micróbio da própria destruição) fôra elevado aos pináculos do mando e nê, mantido, por espaço de dez anos, pelo braço da Igreja, que, como é da sua tradição, se coloca sempre ao lado do mais forte, para, à sombra das metralhadoras, melhor exercer o seu fatídico domínio sobre as criaturas. A clericalia somente se indispôs com o sátrapa, quando este, ensandecido pelo exercício da autoridade, julgou poder continuar a dominar sem o auxílio do “ópio do povo”, ou seja, da religião. Ilusão sempre funesta aos ditadores! O próprio Stalin, para não cair, teve de dissolver a Liga dos Sem-Deus, e restabelecer, com o auxílio financeiro do Estado “comunista”, a Igreja Ortodoxa, que só no nome difere da Romana. Elevado ao trôno com o apoio da Igreja, Peron pagou-lhe o favor com o restabelecimento do ensino religioso nas escolas e com benesses materiais de toda ordem. Mas o imperialismo vaticanista, como todo imperialismo, inclusive o soviético, é insaciável: quanto mais lhe dão a mais se julga com direito. Chegou o dia em que se produziu o choque inevitável entre os dois ditadores: o das almas, inquilino do Vaticano, e o dos “descamisados”, inquilino da Casa Rosada. Este exigiu, em troca de novos favores, que Roma lhe canonizasse a falecida consorte, desejoso de converter a imagem de Evita numa nova fonte de renda e de prestígio político. De bom grado o Vaticano satisfaria tal exigência. Não está o agiologismo eclesiástico cheio de velhas pecadoras, tanto ou mais do que a Evita? Mas a essa hora já Peron tinha os dias contados. Dos baixos-fundos sociais subiam, cada vez mais fortes, rumores de revolta. O peronismo era já uma velha barçaça metendo água por todos os lados. E a Igreja, velha e sabidíssima ratazana, apressou-se a abandonar à sua sorte o sócio e cúmplice, que ajudara a entronizar. E, tal qual como agora, com Pérez Jiménez, gritou, depois, ao mundo, que sempre estivera com o povo, ao lado da liberdade, contra todos os tiranos. Não tardará que a velha rameira do Vaticano repita o mesmo jôgo obsceno com o Salazar e o Franco. A luta entre o Estado e sua irmã gêmea, a Igreja, foi, em todos os tempos, uma luta entre dois bandoleiros, que se associam para melhor sugarem o povo e que só se desentendem quando um deles quer chupar mais do que o outro.

«A Academia Sueca atribuiu o Prêmio Nobel de Literatura a Alberto Camus, por a obra deste «conter as preocupações que correspondem ao nosso tempo».

— Alberto Camus, filho de uma pobre mulher analfabeta, ex-companheiro de engraxate, empregado do comércio; Alberto Camus, o rebelde, o anarquista, o milista, o hereje, o iconoclasta incitador ao crime e ao suicídio, sádico mestre de uma juventude corrompida, sem Deus e sem amor, como tem sido considerado pela imprensa temente a Deus e aos banqueiros, da França e do mundo, Alberto Camus premiado com o mais alto galardão literário do mundo! — eis um escândalo que brada ao céu! Noutros tempos, tê-lo-iam churrusqueado nas brasas da Santa Inquisição, e hoje glorificam-no com o prêmio Nobel. Como vai o mundo!...

«Os bispos da Bahia condenaram a candidatura do sr. Vieira de Melo ao governo daquele Estado porque Vieira é: 1.º — ateu; 2.º — divorcista; 3.º — simpatizante do bolchevismo e partidário do reatamento das relações com a Rússia».

Cristo aconselhou: «Dai a Deus o que é de Deus e a César o que é de César». Mas a Igreja, em vez de contentar-se com as «delícias» do céu e deixar-nos, a nós, miseros pecadores, as «misérias» da terra, não perde o vício de intrrometer-se na política do mundo, confundindo, em todos os momentos, César com Deus.

«Itu — Show musical em frente à Igreja (o jornal do cristão) novo Herbert Moses, em seu zelo do recém-converso, grafa «igreja», edifício, com «I» levou o vigário a fechar o templo em sinal de protesto».

Se todos os vigários procedessem como este, ajudaria muito a restabelecer a doutrina de Jesus, que deixou bem claro (Mateus, 6:5,6 e 7): «Quando orares, não sejas como os hipócritas, que se comprazem em orar em pé nos templos... para serem vistos... Entra no teu aposento e, fechando a porta, ora a teu Pai, que está oculto...».

«Não há lugar para os vencidos nem para o anarquismo» — opina no órgão neo-fascista um funcionário.

Triste odisséia

ros. Cem homens escravos, sem nomes, apenas números, deveriam ser remetidos para o Interior do Amazonas, sem conhecerem as condições de trabalho, sem saberem do salário, sem estarem adaptados às duras lidas das selvas.

A violência dos padres e do seu secretário foi cometida. No final, há de prevalecer a justiça sobre a injustiça, a inteligência sobre a força bruta, a liberdade sobre a autoridade e a razão sobre o fanatismo religioso. Associamo-nos ao movimento de protesto contra essas violências, que bem patenteia a mentalidade reacionária de dominantes da época.

rio do P. C., de nome Nelson Wernech Sodré.

Marx anunciou que o fim da luta de classes seria o anarquismo, embora para alcançar este «grandioso ideal» (como o considerou o autor de «O Capital») receitasse como remédio transitório, o espantoso e a mordada da «ditadura do proletariado», que os bolchevistas interpretaram e levaram à prática sob a forma de ditadura dos burocratas do P. C., ou seja, a ditadura dos Nelsons Wernechs Sodrés. Proclamando-se, embora, marxista, o funcionário do P. C. e colaborador da penúltima página do órgão neo-fascista prefere estar com Stalin contra Marx.

«Nem a Polícia nem grande número de políticos têm interesse em que o jôgo-do-bicho acabe» — confessou aos jornais o deputado Jonas Bahiense.

Claro, como haveria a Polícia de viver e os políticos obterem dinheiro para as suas campanhas eleitorais, se o jôgo-do-bicho acabasse ou fosse oficializado?

«A diretoria do asilo de velhos de que era propriedade o edifício de doze andares (São Luiz Rei), recentemente desmoronado, acompanhada de quinhentos anciãos internados — o mesmo asilo, rezaram, durante horas seguidas, pedindo a Deus e a São Luiz Rei que evitassem a queda do arranha-céu...».

— Mas, tanto Deus, quanto o santo, fizeram ouvidos de mercador às súplicas dos pobres velhos. Pareciam dois ventrudos burgueses, surdos às súplicas dos pobres-diabos. E pensar que se Deus quisesse atender o humaníssimo apelo dos infelizes, ser-lhe-ia tão fácil, pois que para Deus nada é impossível nem difícil! Tinha razão Bukúmine quando explodiu: «Se Deus existisse, seria necessário matá-lo!»

«Os frades do convento de S. Bento decidiram elevar preces a Deus para que impeça o Mar de destruir o resto da praia do Leme».

— Pobres ilusos! A resposta deu-lha o mar, no dia seguinte ao das rezas, arrebatando sete toneladas de cimento, que, à cautela, não confiando em Deus, o prefeito Negrão de Lima, apesar de muito católico, mandara depositar na amurada, para as obras de defesa do Leme contra as arremetidas do Atlântico, furioso desde que, há três anos, lhe roubaram a praia da Praça Paris, para ali celebrarem o 36.º Congresso Eucarístico Mundial.

No mar só mesmo o mar é que manda. Nem o sr. Negrão de Lima, nem os frades, nem sequer Deus têm força para acalmar-lhe a inata rebeldia. O mar sempre foi livre-pensador.

«Quando era transportado processionalmente, no aniversário da fundação da capital, S. Sebastião, o padroeiro do Rio, caiu do andor, escaqueirando-se».

Noutros tempos, em casos identi-

Problemas Sociais

Na Inglaterra, uma comissão estabelecida pelo governo, a fim de estudar o sistema jurídico inglês relativo à homossexualidade e ao meretrício, após três anos de pesquisas, nos quais foram gastas oito mil libras, acaba de apresentar suas conclusões em um livro de 115 páginas.

Para lembrança de nossos leitores, avisamos que o homossexualismo na Inglaterra, até a presente data, é crime punido por lei com encarceramento.

Oscar Wilde, notável escritor inglês, autor afamado de «O Retrato de Dorian Grey», «A Alma do Homem sob o Socialismo», etc., sofreu as amarguras do cárcere por acusação de semelhante crime.

Uma tempestade de idéias e opiniões acolheu as conclusões do relatório, tempestade que transpassou a velha Inglaterra, na qual os anarquistas do semanário «Freedom» e, particularmente, o militante anarquista dr. Alex Comfort, tem participado de debates e conferências na B.B.C. sobre o momentoso relatório.

No Brasil, particularmente no Distrito Federal, «O Globo», tradicional órgão conservador, não se pejou em publicar extenso artigo de Joaquim Ferreira, intitulado «Decide-se a Inglaterra a enfrentar dois problemas sociais gravíssimos».

O «Correio da Manhã», também, publicou comentário sobre os principais aspectos do relatório, o que causa espanto em tão sizado matutino.

CONCLUSÕES DO INQUÉRITO

O ponto que está provocando maior celeuma são as conclusões relativas ao homossexualismo, que se recomendam de não seja considerado crime como vem sucedendo desde 1885, alegando que a lei não deve intrrometer-se na moral privada do indivíduo.

Faltaram elementos à comissão para declarar se o homossexualismo é exclusivamente doença, porém constatou-se que ele existe em todas as profissões e em todos os níveis sociais.

Duvidam da reabilitação completa, admitem alguns resultados com o tratamento hormonal e orientação psicológica.

A comissão concluiu que a prostituição é inevitável e que as meretrizes não fazem senão satisfazer a procura num mercado que elas não criam.

PONTO DA VISTA ANARQUISTA

As conclusões, portanto, não diferem em seus fundamentos do que há mais de meio século vem proclamando a sociologia libertária, isto é, que o comércio carnal é uma derivada do sistema capitalista e que só desaparecerá com o último vestígio do capitalismo. O resto é perder tempo, dinheiro e trabalho com inquéritos.

Quanto ao problema do homossexualismo temos que nos apoiar no que afirma a ciência endocrinológica: Grande número de homossexuais passivos o são em virtude de sérios distúrbios glandulares.

Em recente informe, o dr. Lois Lurie apresentou uma série enorme de casos recuperados com administração de hormônios androgênicos.

Uma certa percentagem de casos tem sua gênese em condicionamentos psicológicos durante a infância e adolescência.

Chega-se facilmente à conclusão de que o homossexualismo é um problema quase que exclusivamente médico.

Punir um homossexual equivale a encarcerar um tuberculoso por ser tuberculoso, a um diabético por ser diabético e voltarmos às priscas eras da história da medicina, em que se acorrentavam os débeis mentais em imundas celas como medida terapêutica.

Evidentemente, é a quinta essência do ridículo e da ignorância condenar uma pessoa por ser diabética, neurótica ou cardíaca; é, porém, o que faz a justiça inglesa, ante o espanto dos cientistas, com os homossexuais.

Ipê

cos, surgia sempre, por ordem do Eterno, um milagre que salvava os santos, anulando a força centripeta da gravidade. Citemos um exemplo de entre milhares: Sto. Estevão de Varsóvia, jogado pelos herejes do alto do companário do seu convento, veio rodopiando como um pião, pelos ares, até tocar de leve com os pés no solo, perante o espanto dos pagãos, que logo ali se converteram à fé cristã. Hoje, devido certamente a heresias libertárias, é o que se vê: este vazio enorme de milagres. Que tempos estes!

Pelo Mundo do Cinema

“Um Rei em Nova Iorque”, outra valiosa obra de Chaplin Seus pronunciamentos libertários

Breve será exibida a última película de Charles Chaplin: «Um rei em Nova York». Já conhecemos o enredo da produção. É uma sátira formidável dos multimilionários dos Estados Unidos. Uma sátira de desprezo às leis absurdas e contraditórias do país do dólar.

Em sua última produção, Chaplin mostra-nos a insolente trajetória de políticos norte-americanos, seus meios de propaganda, suas desmedidas ansias de captação, por meio de tanta mentira e tanta suficiência, criada à base do dinheiro e da petulância suprema.

É um dardo certeiro nas entranhas empenhadas de uma casta endeusada, que tudo compra ou hipoteca. Se a censura permitir, breve estaremos admirando a versão maravilhosa do grande artista.

Em aditamento à nota de nosso número anterior, juntamos estes esclarecimentos:

Quando da recente estréia de «Um rei em Nova York», um jornalista entrevistou Chaplin. Após inquirido sobre o filme, perguntou-lhe se professava idéias comunistas? Chaplin respondeu rápido e explicitamente:

— Não sou, nem nunca fui comunista. Jámais li Carlos Marx. Nada sei de tudo isto. Poderiam dizer que sou anarquista, ou melhor, inconformista».

No ano de 1912, certo periodista perguntou-lhe a queima-roupa:

— Você é bolchevique?

— Não, respondeu Chaplin. Sou um individualista e nunca poderia admitir a supremacia da sociedade e do Estado».

— Como você consegue fazer as pessoas rir?

— Observo aos homens...»

Mais tarde, em 1951, em entrevista publicada a 25 de setembro, no «Daily Herald», declarou: «Sou anarquista. Desejo que os governos vac para o diabo e deixem as pessoas em paz. Os povos podem viver sem Estado. Eu, pessoalmente, posso viver».

Declarou ainda Carlitos, com ironia, que não era comunista bolchevista, mas sim cômico. Não era comunista, pois nunca chegara a compreender Marx.

Agora, pela terceira vez, o cômico genial, o homem bom, abnegado, generoso, que sofreu em sua infância todas as misérias desta sociedade por dre por todos os lados, se declarou anarquista.

Chaplin é, ademais de autor e ator, de poeta e humanista, um grande mestre da vida. Um cultor da liberdade, um crítico social de uma profundidade que ignoram as multidões que só sabem rir.

Um homem assim há de ser forçosamente anarquista, porque o anarquismo será a idéia que fecundará e tornará possível a liberdade, a justiça, a fraternidade e a bondade ao mundo.

ESTANTE LIBERTÁRIA

Análise Dialética do Marxismo

Mário Ferreira dos Santos, autor de Filosofia e Cosmovisão, era a pessoa indicada para fazer uma análise dialética do marxismo. Profundo conhecedor de filosofia e dono de uma extensa cultura, ele nos dá, nesse livro, lições de economia e de lógica.

Podemos dividir o trabalho em três partes. Na primeira, apresenta-nos um estudo completo da História, da Técnica e da Economia de modo a permitir uma compreensão do clima histórico em que surgiu o marxismo. De modo brilhante, mostra, nessa análise, como se foi dando a mecanização do homem no mosteiro, no exército e depois na fábrica, até atingir a situação angustiosa do século XIX, no qual o quantitativo prevaleceu sobre o qualitativo, o predomínio do espírito do lucro imediato e desenfreado e a degeneração progressiva do trabalhador o encaminhou para uma automatização cada vez maior. Época em que o respeito pela dignidade humana atingiu limites extremos e a exploração era justificada pelo postulado da sobrevivência do mais apto, do mais forte. Justamente porque o econômico tornou-se tão importante nesta fase, Marx estruturou sua teoria em torno deste fator.

Depois de analisado o desenvolvimento técnico e econômico, Mário Ferreira apresenta os aspectos mais importantes da doutrina marxista, analisando as influências que sofreu Marx de filosofias anteriores (inclusive Proudhon) e até mesmo o caráter de Marx é dissecado por ele no afã de compreender como surgiu o marxismo. Faz também uma análise demorada de todas as contradições da teoria marxista e salienta o que nela existe de valor e a contribuição inegável que deu Marx aos estudos sociais. Reconhece nele, apesar de suas falhas de caráter, uma intenção honesta, filosófica, científica e acentua que Marx acreditava também no poder da vontade humana para forçar o ritmo da manutenção social.

Crítica o trabalho esterilizante de seus discípulos que desumanizaram o marxismo, levando Marx ao desespero quando afirmou: «Semeiei dragões e colhi pulgas».

A segunda parte da Análise Dialética do marxismo intitula-se: «Polêmica sobre o Estado entre marxistas e anarquistas». É um trabalho de comparação entre a teoria marxista do Estado e o conceito para os socialistas libertários, na qual fica relatada toda a polêmica travada entre eles. Mário Ferreira faz questão de realçar bem o engano dos marxistas que acreditavam no definhamento do Estado após a ditadura do proletariado.

Num capítulo intitulado: «Pode a ditadura ser uma escola da liberdade?», mostra como os anarquistas previram tudo o que ia acontecer na Rússia, desde a tomada do poder pelos bolchevistas e a centralização crescente, até o aparecimento da ditadura. Chega depois às contradições entre a teoria marxista e o que existe na prática e analisa as causas

do erro em que caíram os partidários da ditadura do proletariado que agora repudiam este mesmo proletariado e não acreditam na sua capacidade de auto-governo.

Em seguida, apresenta crítica detalhada dos socialistas libertários em 13 postulados aos marxistas, acompanhados de longos comentários. Ai, então aproveita para fazer um esboço dos princípios anárquicos e deixar bem patentes as imensas diferenças entre anarquistas e bolchevistas, acentuando que o socialismo implica liberdade e esta só se torna real na prática. Faz, porém, crítica interessante aos anarquistas que estão ainda presos ao século passado, quando o século presente oferece campo a novas conclusões.

Finalmente, termina Mário Ferreira seu livro com uma análise da dialética do marxismo no campo do sujeito e do objeto, como doutrina e como prática, para concluir que o marxista, não admitindo sua suzerania, nega sua própria dialética.

Como o próprio autor assinala, o livro tem como objetivo estabelecer confronto entre a teoria marxista e os princípios anárquicos e esclarecer que, no momento atual, diante da falência da teoria marxista, muitos socialistas sentem a necessidade de voltar às posições do socialismo libertário. O livro alcança sua finalidade. Contudo poderia ser melhor apresentado. Estranhamos a falta de bibliografia que acompanha qualquer livro de estudos e os descuidos em erros de impressão, ortografia e concordância que são encontrados a cada passo. Seria necessária melhor revisão em próxima e indispensável edição.

ESTHER REDES

Efemérides Libertárias

MÊS DE MARÇO

1842 — 1 — Nasce em Cadiz, Espanha, Fermin Salvochea, figura destacada do anarquismo espanhol.

1921 — 2 — Revolta dos marinheiros de Kronstad, Rússia, contra o retrocesso da revolução socialista e em favor dos soviets livres.

1756 — 3 — Nasce William Goldwin, um dos mais brilhantes doutrinadores do anarquismo.

1917 — 13 — Inicia-se a revolução socialista na Rússia. É destronada a família imperial e proclamada a república, presidida pelo social-democrata Kerenski.

1883 — 14 — Morre em Londres, Carlos Marx, figura eminente do socialismo.

1830 — 15 — Nasce em Saint Foy, França, Eliseu Reclus, grande geógrafo e historiador, escritor consagrado, revolucionário da Comuna e fervoroso anarquista.

1906 — 17 — Morre em Nova York o anarquista John Most, que desenvolveu grande atividade na divulgação do ideal libertário.

1915 — 27 — Morre em Changai o anarquista chinês Siu.

Reflexões de um anarquista

Este artigo vai à guisa de apresentação.

Iniciaremos no próximo número, a publicação de «Reflexões de um Anarquista». Será uma série de crônicas a respeito de fatos e idéias libertárias. Versarão sobre temas e assuntos os mais variados, escritos sem planejamento, orientação ou diretrizes definidas, completamente destituídos de qualquer pretensão literária, filosófica ou ideológica.

Escreveremos apenas no intuito de transmitir alguma coisa, desejosos de contribuir pelo menos com um grão de areia para o edifício maravilhoso do mundo futuro em construção. Este mundo que dia a dia vai crescendo, e se agitando, a despeito da constante oposição mantida por aqueles que têm interesses contrários ao seu surgimento.

Fazer literatura foge ao nosso objetivo. Para doutrinação filosófica e cultura ideológica, remetemos o leitor a outras colunas que não esta. É nossa intenção desenvolver apenas comentários de ordem social, embora não vá nisso uma declaração formal de que, uma vez por outra, não penetremos na seara do vizinho...

Limitaremos nosso trabalho o quanto possível no que se refere a extensão a fim de economizar espaço. A impressão de nosso jornal está por um preço exorbitante e não seria justo reduzir as possibilidades de esclarecimentos de importância mais relevante. Tampouco desejamos abusar da paciência dos leitores.

O nosso jornal é feito com suor do rosto de quem trabalha (não aceita nem admite publicidade remunerada). A imprensa anarquista sempre é custeada pelos seus militantes e simpatizantes. Até os que escrevem, portanto, pagam para escrever. Não importa! Pelo contrário, é motivo de satisfação. Desagradável é escrever para a imprensa burguesa, na qual, para fazermos jus ao salário, somos obrigados a dar a ganhar ao patrão em um dia o que nos paga por um mês de trabalho. E mais, somos forçados a escrever segundo os interesses e desejos do diretor, sem poder nos afastar da «linha» do órgão. E quantas vezes nos mandam elogiar um «grande homem» que sabemos ser um grandecíssimo patife!

Cóias próprias do regime social em que vivemos...

Mas, «não há mal que sempre dure», diz o ditado, e é uma grande verdade. O mundo evolui e a redenção virá, logicamente.

Esperamos conseguir agradar aos que nos lerem. E prometemos que, se frustrado nosso intento, suspenderemos a publicação de nosso trabalho. Até lá, colaboraremos na esperança de irradiar a luz luminosa de nosso ideal.

Raul Vital

«Regressou ao Brasil o antigo dirigente comunista Armando Coutinho, que se converteu à religião, quando recentemente visitou, em Roma, a basílica de S. Pedro» — espanta-se o órgão da família Marinho e do cristão — novo Herbert Moses, todos de «O Globo».

— Não há motivo para espantões. O comunista Coutinho não se converteu. Quando muito, perverteu-se ainda mais. Voltou de Roma o que sempre foi: religioso. Crer em Deus ou em qualquer messias redentor, do céu, ou da terra (Cristo, Jeová, Stálin, Krutchev, Prestes, Salazar, Peron ou Franco), nisto consiste o sentimento religioso. Nenhum animal demonstra maior religiosidade que o fanático de qualquer religião revelada, seja o bolchevista ou o cachorro. Todos eles têm a mesma fé cega no seu Deus, no seu papa, no seu chefe ou no seu dono. De resto, nunca houve oposição entre a Igreja e o bolchevismo, pois que se entendem, quando isso convém às respectivas manobras políticas.

VIDA ADMINISTRATIVA DE «AÇÃO DIRETA»

Diz Raul Vital, em sua crônica deste número, que «Ação Direta» não conta com outros recursos econômicos além dos providos das contribuições dos anarquistas e simpatizantes do movimento libertário.

De fato, assim é. O nosso jornal não publica publicidade paga, nem recebe subvenções de qualquer natureza.

A venda avulsa dá prejuízo. O que pagam os compradores não corresponde ao custo da confecção do jornal.

Quanto às despesas, são limitadas ao mínimo. Os trabalhos de redação, revisão, administração, expedição, etc., são executados sem nenhuma remuneração pelos companheiros que deles se encarregam em atividade de equipe.

As despesas forçadas são: tipografia (composição e impressão do jornal), clichês, expedição (selagem, goma, barbante, papel) e carretos.

O custo do jornal é hoje muito elevado.

Para a publicação das cotizações recebidas, devem os cotizantes dizer de que forma querem ser mencionados: com os nomes, as iniciais ou pseudônimos.

— Vivendo «Ação Direta» do auxílio dos que julgam necessária sua publicação, aos mesmos é dirigido um apelo para que ativem suas contribuições.

Sem isso, não poderemos desenvolver a difusão de nossa obra.

A COMUNA DE PARIS

Movimento de heroísmo e sacrifícios a primeira arrancada no caminho da libertação final

De 18 de março de 1871 a 18 de março de 1958, medeiam 87 anos em que o povo francês num gesto de independência e de amor à liberdade, proclamava a COMUNA. Dizer do que foi este fato grandioso e do heroísmo do povo que o realizou, é descrever uma das páginas mais brilhantes da história dos povos que, conscientes dos seus direitos e destinos, lutam com arrojo e abnegação pela sua liberdade, contra o jugo tirânico e brutal das castas governamentais.

OS PRINCÍPIOS DA COMUNA

«...A unidade tal como nos tem sido imposta, até a data, pelo império, pela monarquia e pelo parlamentarismo, não é senão a centralização despótica, estúpida, arbitrária e onerosa.

A unidade política, tal e qual como Paris a quer, é a associação voluntária de todas as iniciativas locais, o concurso espontâneo e livre de todas as energias individuais para um fim comum, para o bem-estar, para a liberdade e para a segurança de todos.

A revolução comunalista, começada pela iniciativa popular em 18 de março, inaugura uma era nova de política experimental, positiva e científica.

É o fim do velho mundo governamental e clerical, do militarismo, do funcionalismo, da exploração, da agiotagem, dos monopólios, dos privilégios, aos quais o proletariado deve a sua servidão, e a pátria as suas desgraças e desastres».

COMO FOI PROCLAMADA A COMUNA

«A proclamação da Comuna foi esplêndida. Não era a festa do poder, mas a cerimônia do sacrifício. Sentia-se que os eleitos eram votados ao martírio e à morte. Na tarde de 28 de março, sob um sol magnífico que

recordava a aurora do 18, o 7 Germinal, ano 79 da República, o povo de Paris, que a 26 havia elegido a própria Comuna, inaugurava a sua entrada no Palácio da Cidade.

Um vasto oceano humano em armas, as baionetas em riste e espessas como um campo de espigas; o clangor dos clarins e os tambores que



LUIZA MICHEL

rufavam em surdina, o bater dos dois caixas inimitáveis de Montmatre, aqueles mesmos que na noite em que entraram os prussianos acordaram Paris; as baquetas espectrais e os seus punhos de aço evocavam sons estranhos.

Mas desta vez os sinos estavam mudos; o pesado troar dos canhões, em intervalos compassados e regulares, saudavam a Revolução.

As baionetas se abaixavam ante a bandeira vermelha dos comuneiros que em grupo circundavam a estátua da República.

Ao alto um grande pendão vermelho. Os batalhões de Montmatre, Belleville e La Chapelle trazem as

suas bandeiras nos barretes frígios. Dir-se-iam recrutas de 93.

As baionetas cada vez mais compactas ocupavam também as ruas laterais; a praça estava repleta, semelhante a um campo de grão. Qual seria a messe?

Toda Paris em pé. Os canhões, a intervalos, fazem ouvir os seus estampidos. Numa tribuna está o Comitê Central. Em frente os membros da Comuna, todos com faixa vermelha. Poucas palavras entre um tiro e outro da artilharia.

O Comitê declara findo o seu mandato e entrega o poder à Comuna. Faz-se um apelo aos eleitos. Um clamor enorme se eleva: «Viva a Comuna!» Os tambores batem o sinal de combate, os canhões rompem os raios do sol.

— Em nome do povo — disse Ravier — foi proclamada a Comuna! Tudo foi grandioso neste prologo da Comuna: a morte devia consagrar-lhe a apoteose. Nada de discursos: mas um só grito, imenso e retumbante: Viva a Comuna!

Todas as bandas de música tocam a Marselhesa e o Canto da Partida. Um furacão de vozes repete-lhe o estríbilho. Muitos velhos abaixam a cabeça. Dir-se-ia que ouviam os mártires da liberdade.

São homens de junho e de dezembro, alguns já todos brancos, outros de 1830, Mabile, Malezieux, Cayol.

O único poder que poderia ter feito qualquer coisa era a Comuna, composta de homens de inteligência, de coragem, de honestidade a toda prova, de devoção e energia.

Mas o poder os manietou não lhes deixando senão a sua indomável vontade para o sacrifício: souberam morrer heróicamente. Todo poder traz em si o germen da destruição. Por isto mesmo é que sou anarquista». (LUIZA MICHEL).

A Igreja, a Burguesia e os Trabalhadores

Caros leitores. Hoje, como sempre, dada a nossa condição de frei, liberto dos dogmas da Igreja e do compromisso de defensor da burguesia em todas as suas investidas de rapina contra os trabalhadores, vamos ter a oportunidade de falar acerca dessa mesma Igreja e da desigualdade existente entre a classe rica e os que de fato rodam todo o necessário para a vida dos seres humanos, agravada ultimamente e cada vez mais em ascensão, pela atitude afrontosa assumida pelos que tiveram a sorte de nascer em berço de ouro, ou herdado milhões, roubados por seus antepassados.

Desta vez, o escândalo está assumindo tamanhas proporções que (parece inacreditável) alguns figuras da Igreja, notadamente o Episcopado de Porto Alegre (que nunca está ao lado das boas causas), resolveu intervir (para salvar as aparências), chamando a atenção do governo para a afronta infligida aos trabalhadores, com os espetáculos degradantes de uma classe dirigente, egoísta e gozadora, cujo fausto, aclamado e proclamado nas crônicas sociais, constitui um verdadeiro desafio à miséria do operariado brasileiro.

Com a devida vênia, vamos fazer nossas as considerações emitidas por um matutino desta capital («Gazeta de Notícias»), que, com palavras contundentes e bastante oportunas, estigmatiza a classe dominante e os máis governantes do Brasil. Diz o seguinte, o referido matutino:

«Não é sem tempo que se levanta a voz da Igreja contra a levandade de uma burguesia em processo de decomposição, cujos «shows» de opulência já não agradem apenas a miséria social

do País mas atenta contra a própria ordem moral da sociedade, tornando a dissolução dos costumes uma glosa permanente dos cronistas elegantes que trazem os acontecimentos da pouca vergonha endinheirada como um elemento de sedução à basbaqueira dos incautos. Ai estão, na verdade, os chamados grandes jornais, como «O Globo» à frente, consagrando nas colunas do Ibrahim, já não apenas a champanhota dos gozadores e os encontros felizes e custosos de «petit-comité» do dinheiro fácil. O que se glorifica e se apregoa é a champanhota e tudo. E este tudo é tudo mesmo. E' o adúlterio que, nos tempos em que se respeitava a honra da família brasileira, só aparecia nos jornais como notícia de polícia. Hoje, o que se encontra em cada coluna dos cronistas mundanos, é a notícia da Senhora Fulana de Tal que está «in love» com o banqueiro Sicrano, ou da esposa de Beltrano que, em suave pilequinho no «Sacha's» flerta com um amável careca de Embaixada. Não há semana em que não se anuncie o novo casamento de um desses milionários, para quem uma escandalosa concessão financia a importação das «cocottes» de luxo e os divórcios custosos a que costumam chegar suas precárias aventuras matrimoniais. E essas «cocottes» e esses cavalheiros suspeitos são apontados como a expressão de sociedade brasileira, que os introduz em seus lares e oferece aos seus filhos o exemplo sedutor daquela vida fácil.

Enquanto isto, o Roberto Marinho hospeda em seu solar os Cardeais do Congresso Eucarístico e convida os cônegos a benzerem suas rotativas novas, montadas para imprimirem a coluna do Ibrahim e a novidade da mancha de alguma senhora «bem» com qualquer descaído que calu com quinhentos pacotes para figurar na sua última lista das «dez mais». Em outros tempos, o que se anunciaria, nos casos hoje divulgados e aplaudidos, seria apenas o afastamento dos homens de bem dos indivíduos que pensam comprar tudo com seu dinheiro: inclusive a carta de matrimônio para abonar as manobras públicas, celebradas com champanhota e tudo.

Enquanto o «society» se diverte, a miséria ronda os lares dos trabalhadores, esmagados pelo alto custo da vida, embora quanto mais ela suba mais estoure a

champanhota nos «nivers» do Ibrahim. Podem ir à greve como foram há pouco tempo quatrocentos mil trabalhadores em São Paulo. Pode chegar a advertência trágica de mil pessoas mortas de fome no Nordeste durante o mês que findou. Pode levantar-se o clamor dos assalariados, cujo ganho não chega para matar a fome dos filhos. Nada disto perturba a serenidade da grã-finagem malandra».

Termina o referido jornal as suas considerações com a seguinte advertência:

«Não é a primeira vez que isto acontece na história do mundo. Já houve uma rainha que, estranhando o fato de não haver pão para o povo, perguntou, surpresa porque não lhe davam brinches, (pãozinho feito de farinha de trigo, manteiga e ovos). Já houve uma corte que enquanto a revolução rugia nos subterrâneos, encomendava novos apitos de caça para o Czar Nicolau. Fodem, pois, «O Globo» e o Ibrahim continuar apitando com seu pilequinho. Um dia, talvez não muito longe, em vez da «dama de preto», uma outra dama os surpreenderá no melhor da festa: a Revolução de um povo espoliado».

Haverá necessidade de acrescentar mais alguma coisa para pintar ao vivo a situação atual da vida em nosso país? Claro que não! Apenas, como fecho, para esta palestra, que se estendendo um pouco mais do normal, transcreveremos as frases lapidárias que se encontram na «Doutrina anarquista ao alcance de todos», do inesquecível mestre José Otílica: «Essa injustiça fundamental é tão grave que tornou o regime econômico mundial um verdadeiro paradoxo, a saber: mais tem quem menos trabalha ou menos tem quem mais trabalha». O salário dos trabalhadores é sempre, em toda parte, em virtude da ganância dos patrões, o mínimo possível, apenas o necessário à sua subsistência.

FREI MALAVENTURA

AÇÃO SINDICAL

Recebemos o primeiro número deste mensário, editado em São Paulo por um forte núcleo de trabalhadores de vários setores, com predominância de gráficos. Tem por finalidade a moralização do sindicalismo, tão desvirtuado por força das injunções governamentais e dos pelegos e bolchevistas que o dominam.

LARVA DANINHA

Em todos os tempos, houve quem se insurgisse contra as injustiças sociais.

Este, por ver a outro sofrê-las, éle próprio.

Antes mesmo de Cristo, temos o grande exemplo de Tibério Graco, pertencente à classe dominante, o patriciado, que, pela humana educação que lhe dera sua mãe, Cornélia, se dedicara à causa da classe oprimida, a plebe, lutando pela distribuição, entre ela, das terras do domínio público, terras usurpadas pelo patriciado. Acabou assassinado no ano de 123, por instigação do patriciado.

Outro exemplo, não menos digno, é o de Caio Graco, irmão de Tibério, que, com a mesma formação moral, lutou pela criação de colônias para a plebe em diversas cidades, pela distribuição de trigo entre os pobres, e por leis tendentes à igualdade.

Contra éle, lançou o patriciado Marcos Livio Druso, astuto demagogo, a quem tudo facilitou e a quem a plebe seguiu, abandonando a Caio, que, no ano de 121, veio a ser morto, em consequência da terrível perseguição que lhe moveu o patriciado.

Ainda antes de Cristo, contamos com o extraordinário exemplo do valente e inteligente escravo Espártaco, que, à frente dos seus companheiros de escravidão, aos quais convenceu da indignidade de sua condição social, ameaçou Roma, capital do Império Romano, durante três anos, tombando morto no ano de 71, não sem deixar de sofrer decepções, por parte dos que desejou elevar a condição mais humana.

E' grande o número de exemplos que poderíamos dar, já antes, já depois de Cristo. Quem não conhece a figura inolvidável do príncipe Pedro Kropotkine, que tudo abandonou para lutar pelo desaparecimento de todas as injustiças sociais, pelo aperfeiçoamento dos caracteres e pela consequente paz e real harmonia, no seio da sociedade? E a Proudhon, o grande filho do povo, uma das maiores expressões do socialismo francês, socialismo sem nenhum resquício de autoritarismo, que tão forte influência exerceu nos países latinos, e que previu todo o desvio do socialismo dos nossos dias?

Estes homens extraordinários, sacrificando-se, congregaram em torno de si, ou impulsionaram após si, com suas idéias, outros homens que passaram a ter os mesmos anseios.

Mas, apesar do esforço de tantos homens, através já de tantos séculos, a paz e a real harmonia no seio da sociedade afiguram-se, ainda, como se fosse uma miragem. E por quê? Porque aos que se congregaram para a mais humana das lutas, juntam-se outros que, por julgarem a vitória para bem breve, entram nela tendo em mira apenas, consciente ou inconscientemente, a solução de caso pessoal.

Quando lhes parecer que tarda a vitória, quando a supuserem problemática, ou quando já não acreditarem nela, ou abandonam a luta, procurando melhor calhar em que se agarrem, ou passam a tirar proveito dos movimentos, como podem, indo até a traição, se esta lhes parecer mais proveitosa.

Além destes, há os que ingressam nos movimentos com o fim preconcebido de tirarem partido deles, ou para darem expansão a algum recalcado, em obediência ao subconsciente. Este tem sido, mais do que nenhum outro, o fator que tanto tem prejudicado os diversos movimentos nas suas lutas. Perturba-os, causa-lhes o desânimo, a decepção, o descrédito, a deserção!

Bem se tem dito que melhor é o inimigo declarado. Não faz do beijo instrumento de traição. Não pode assassinar nenhum Marat.

Não vinga a planta, se lhe corrói o cerne larva daninha.

S. BARRAL

Versos do Povo

Meu pai disse... (a pensar fico)

— Isto há muitos anos gravo —

— Meu filho, junto de um rico,

O pobre é sempre um escravo!

Não morre o espírito. Eu creio...

Mas, nenhum, me conhecido.

Do Aquém, ou do Além, me veio

Dizer como tem vivido.

A Justiça — que se gaba

De absoluta retidão —

Costuma punir a piaba,

Protegendo o tubarão...

Custa mais no céu entrar

Quem muita riqueza entulha,

Do que um camelo passar

Pelo fundo de uma agulha.

Pau de arara

MOVIMENTO OPERÁRIO

O que se está verificando no meio sindical é verdadeiramente lamentável, com o aparecimento de certos elementos arvorados em guias do proletariado. Muito ao contrário de procurarem esclarecer os trabalhadores, esses tais líderes, que pretendem arregimentar o proletariado em obediente rebanho, outra coisa não têm feito senão semear confusão, contribuindo, assim, para embaraçar o trabalho de educação social do operariado.

Sente-se a gente com o direito de perguntar a esses salvadores de última hora se participaram do movimento operário, vivendo a vida íntima das organizações dos trabalhadores (não de pseudos sindicatos de hoje, está claro), tomando parte em suas reuniões e congressos. Terão tido, acaso, esse convívio com os operários, com eles tratando como companheiros, conhecendo, assim, de perto, seu feitio, sua maneira de ser, sentindo-lhes seus anseios, certificando-se de suas aspirações e aquilatando de sua capacidade de ação? Conhecerão esses líderes de fabricação em séries, porventura, os métodos da organização sindical de resistência e reivindicação da classe trabalhadora, sabendo como ela se forma e funciona em seus vários setores? Pode-se afirmar com segurança que não. Quando muito,

Ação danosa de líderes improvisados

pintando-se com umas tintas de leituras marxistas, por ser a literatura da moda, enfileiraram uns tantos "slogans" de importação, repetidos, com ou sem propósito, considerando-se logo, com essa untada, guias incontestáveis das massas.

Afirmando servirem-se da dialética — rótulo vistoso para produto duvidoso — desdizem hoje, sem hesitação alguma, o que ontem afirmavam dogmáticamente, excomungando os que deles discordam. Dantes falavam em lutas de classes e hoje proclamam a necessidade de colaboração com o capitalismo!...

E assim procedem, seguindo a orientação do seu líder máximo, transformado em messias, a quem devem cega obediência, e, como ele, aconselham os trabalhadores a não perturbarem a giboiesca digestão dos burgueses desta terra, ajudando-os, ao contrário, a atingirem o desenvolvimento do ciclo de sua dominação no regime capitalista, o que proclamam necessário para o advento do socialismo (!!).

Isso autoriza a perguntar se

tais opiniões estão de acordo com os fundamentos do socialismo, dando a essa designação seu sentido histórico. A resposta terá de ser, inegavelmente, negativa. Estariam bem na boca de algum político conservador burguês, e, entretanto, promanam de quem se proclama líder único e indiscutível da classe obreira. São conclusões colaboracionistas em contraste chocante com a luta permanente e inevitável do proletariado pela reivindicação dos seus direitos menosprezados.

Diz o referido líder, tão em destaque, como um messias bolchevista, que os trabalhadores devem colaborar para o progresso do capitalismo do Brasil. Mas, que têm feito os trabalhadores desde os tempos dos servos da gleba, dos escravos da idade-média e, agora, no regime do salariato, senão trabalhar perenemente para ajudarem os capitalistas a acumular fortunas e, em troca, viverem uma vida de permanente penúria?

Quando até a gente do Vaticano, símbolo da organizada re-

ação da burguesia fala em reformas de caráter social (embora a sua maneira, está claro); quando mesmo entre os elementos conservadores já se firmou a convicção de que reformas de caráter socializante se tornaram inevitáveis, no Brasil, aquele que se apresenta como chefe supremo do movimento proletário vem proclamar que os trabalhadores é que deverão apertar ainda mais a cinta e fazerem esforços maiores em favor de um maior enriquecimento dos capitalistas! E isso num país, como o nosso, onde o nível de vida da classe trabalhadora é dos mais baixos!

O pior é que essa tendência colaboracionista foi levada a tal ponto, que já chega a constituir verdadeira traição aos trabalhadores. É uma verdade dura, mas que deve ser dita.

Observai, operários! Estudai a situação, examinai a conduta dos que pretendem orientar o movimento operário e não vos esqueçais nunca do que diz a nossa gloriosa Internacional, embora renegada no país que se proclama pátria do socialismo, mas sempre a mesma canção rebelde do proletariado: "Façamos nós por nossas mãos aquilo que nos diz respeito!".

PALMIRO LEAL

Os pelegos festejam o 1.º de Maio à moda do SESI

O Pacto de Unidade, sob a orientação pelego-bolchevista, vai transformar a data magna dos trabalhadores em carnaval político. Para isso contam já com os favores do atual prefeito, que lhes pagará a oportunidade de falar às massas com bons cobres. E como sempre, também não perdem a oportunidade de dar uma boa «facada» no Sr. Jânio Quadros, sob o pretexto dos grandes gastos que vão fazer com os festejos...

Tal qual um 1.º de Maio à moda do SESI. Há apenas uma diferença: O SESI não engana ninguém e apresenta-se como mistificador declarado, a serviço dos patrões. Os pelego-comunistas mistificam a data, escarnecendo do seu sentido histórico e do seu significado, no afã de contarem com a amizade das classes dominantes e a tróca de algumas centenas de contos.

As assembleias dos sindicatos nem sequer são consultadas sobre essas determinações. O Pacto de Unidade, organização de cúpula dos maiores do peleguismo, toma resoluções por conta própria.

E os trabalhadores, mistificados, enganados e dominados por todos esses espertalhões, são obrigados a engulir os angús que eles manipulam. Mas já mais comem um centavo das centenas de contos que a gangue recebe...

O interessante, no presente caso, é que, talvez para salvar as aparências, dizem que os grandes festejos, com churrascos e discurséis dos políticos, têm a finalidade de enfraquecer a obra do SESI (!!!) ... procedendo como ele...

Um pouco de vergonha não senta mal a ninguém. Sim, porque é sem-vergonhice mistificar a maior data dos trabalhadores, prevalecendo-se da falta de conhecimentos dos mesmos, da sua boa-fé, da sua infelicidade.

Mas tal como um dia sucede a outro, as situações e as condições também mudam. Muitos trabalhadores já estão ferrando a bota que baterá um dia onde deve, atirando portas a fora todos os que comerciavam com seu nome.

derest, Estados Unidos, trabalhadeira, quase que exclusivamente, fabricando brinquedos e artigos de madeira para escolas.

As três comunidades do Paraguai estão a três ou quatro quilômetros uma das outras. Cultivam milho, mandioca, cana de açúcar, etc.; criam gado, exploram florestas e dedicam-se à carpintaria, torneamento de madeiras finas, hospital e serviço médico-social para toda a vizinhança.

No Uruguai, a comunidade "O Arado" tem 8 hectares de agricultura intensiva de verduras, frutas e flores, que são vendidas diretamente ao consumidor.

Todos os membros trabalham segundo suas forças, suas aptidões e as necessidades da comunidade, não recebendo remuneração. A dedicação livre e alegre aos demais tomou o lugar da luta pela subsistência pessoal ou o desejo de lucro.

Todos os lucros vão para uma caixa comum ou conta em banco, em nome da comunidade, que tem pessoa jurídica. Da caixa comum, custeiam-se os gastos para as necessidades de cada um e da comunidade inteira. Dentro da comunidade não se utiliza o dinheiro. Os jovens podem sair para estudar um ofício ou profissão e depois devem decidir se ficam ou não na comunidade.

O hospital construído pela comunidade do Paraguai serve a uma região de 3.000 quilômetros quadrados, com uma população de 30.000 habitantes e os pacientes atendidos no ano passado foram 10.000.

Os interessados em visitar essas comunidades devem solicitar folhetos ou subscrever a revista "O Arado". Podem escrever para as seguintes direções: Sociedade de Irmãos, Colonia 1065, Montevideo, Uruguai; ou Sociedade de Irmãos, Fulgência Moreno 132, Asunción, Paraguai.

JOSE MARIA ALMA

À Margem da Luta

A última greve dos sapateiros, na Capital de São Paulo, propicia-nos alguns comentários capazes de elucidar a flagrante má vontade dos patrões, em colaborar com a classe de seus assalariados, sobretudo nestes períodos de inflação em que a corda, evidentemente, sempre arrebenta do lado mais fraco.

Uma vez que a discussão do problema se encontrava nas mãos da justiça trabalhista, o que é sempre um erro, qualquer manifestação de caráter grevista era extemporânea, dentro da legalidade aceita. Representava, mesmo, uma espécie de coação, ou intimidação, num clima de desentendimentos, visto como se havia recorrido ao seu julgamento. A nosso ver, em primeiro lugar, a greve sempre deve ser de ordem geral. A violação dos direitos de uma classe equivale, em última análise, a um perigo que ameaça todo o organismo social.

Finalmente, contra os pretendidos 45%, acordaram patrões e empregados numa tabela que manda sejam efetuados aumentos salariais, na base de 25%. Outra consideração nos colhe aqui: não nos parece boa política essa de pleitear qualquer majoração de salários, em base a uma proposta que, a seguir, será objeto de redução. Os estudos relativos aos aumentos pleiteados podem ser efetuados, em clima tranquilo, nos próprios sindicatos. Dêles deve resultar, em base a fatos concretos, uma proposta definida. De sua não aceitação, chega-se à greve.

O fato de que os 45% iniciais fossem reduzidos quase à metade, levamos à conclusão de que ou os empregados não tinham bases seguras no seu departamento sindical de estatística ou acabaram por ceder, mau grado a greve, às injunções patronais.

Porém a graça do acontecimento começa a ter vida, no instante em que os patrões, após o acordo, gastam somas de moeda fiduciária, em colunas da imprensa, para esclarecer ao povo (que povo?) que em base a uma informação do Ministério do Trabalho, nos últimos dois anos o aumento do custo de vida foi de mais ou menos 10 e 11%. E que, portanto, interpunham recurso ao tribunal competente.

A declaração aludida, embora sob chancela oficial, é mentirosa e imbecil. Não existe, no atual regime de descontrôles de toda ordem, nenhuma possibilidade de calcular, de maneira segura, qualquer índice de majoração do custo da vida. E ainda que ela exista, por força de eventuais milagres, sua avaliação é tão complexa e delicada que, a rigor, não merece ponderação.

Ora, perguntamos: por que os empregadores, considerados como res-

ponsáveis também pela harmonia social, em face à suspeita de que o custo da vida andava a crescer, não promoveram, eles mesmos, a seu tempo, de modo próprio, o reajustamento dos salários de seus trabalhadores? Ou não sabiam que os preços andavam a crescer, eles mesmos que, nesse ramo dos calçados, como ocorreu com diversas empresas paulistas, elevaram os preços até à ordem dos 50%, em menos de um ano?

Houve desonestidade, pois, ou esquecimento, ou desidia, ou má vontade. E no instante em que o Ministério do Trabalho lhes ofereceu essa informação relativa aos índices do aumento do custo de vida, porventura os empregadores promoveram o pagamento das majorações, relativamente aos meses que ficaram para trás, e em que os trabalhadores, em base às informações oficiais, foram obrigados a enfrentar dificuldades de toda espécie?

Estas marchas e reações, no conjunto social, são de uma pieguice que promove risos. Ora todos sabem que a encenação é feita no sentido de estabelecer confusão e má vontade para com os homens que, através do trabalho, promovem o desenvolvimento das riquezas. Numa época em que os ricos se tornam sempre mais ricos, e os pobres cada vez mais pobres, não seria excessivo, mesmo em nome da religião que a maioria diz seguir ou do bom senso que anda escasso, que os armazenadores de ouro reduzissem sua fome de lucros. Em lugar de 600 num ano, que devem ser 700 no ano seguinte, e 1.000 no terceiro exercício, bem poderiam eles limitar seus lucros. E reverter os lucros excessivos em favor da melhoria do padrão social do trabalhador.

Digamos que uma fábrica pague 100 aos empregados, e lucre 400. Em face ao novo acordo, na base dos 25%, ela passará a pagar 125. Em lugar de 400, lucrará 375. Na prática ocorre este fato, comum, real em todos os quadrantes, e por isso mesmo de igual sentido criminoso: a uma elevação de 25% nos salários, vai corresponder, fatalmente, uma majoração, nos preços de 25% também. Com a agravante de que uma coisa é um aumento de 25% em 100, e outra, bem mais vantajosa, a majoração de 25% sobre 400. Com outras palavras: em base ao aumento acordado perante tribunais de exceção, os empregadores passam a auferir maior lucro. E notável é o fato de que, contra a idéia de que a majoração, nos preços, equivale a uma melhoria do produto, no caso dos calçados temos, com provas provadas, o fato de que, embora majorados em até 60%, os calçados em absoluto apresentam condições de melhoria que justifiquem o aumento.

MORAIS

Prática de livre convivência

No ano de 1920, fundou-se em Sanners, Alemanha, uma comunidade, cujos membros foram imediatamente expulsos por Hitler, quando este assumiu o poder. Emigraram para Inglaterra e de lá atingiram o Paraguai, no ano de 1941.

Atualmente existem as seguintes comunidades da Sociedade de Irmãos:

Paraguai: Três comunidades na estância Primavera e uma casa em Assunção, com um total de 700 pessoas.

Uruguai: Uma comunidade denominada O Arado, com 40 pessoas.

Inglaterra: Uma comunidade com 300 pessoas.

Estados Unidos: Duas comunidades, com um total de 300 pessoas.

A idéia fundamental deste movimento é a realização prática do amor fraterno, da justiça

social e da paz. Todos os membros da Sociedade de Irmãos renunciaram ao uso da violência, à ambição do poder e à posse privada. Formam uma comunidade integral de produção, consumo, trabalho e de vida. Seguem, em nossos dias, o exemplo e a inspiração dos primeiros cristãos, dos quais diz a Bíblia: "Possuíam tudo em comum, e eram um coração e uma alma".

Cada comunidade é uma aldeia de 50 a 250 habitantes, na qual o edifício central é o refeitório comum, que se usa como sala de reuniões, pois não existem igrejas. Lateralmente, há casas para famílias e para solteiros, casas de crianças, escola, jardim de infância, berçário, oficinas, depósitos, galpões de granja e terras cultivadas.

A base econômica da maioria das comunidades é a agricultura, porém a comunidade de Woo-

As reivindicações proletárias

Que fazer quanto às lutas proletárias e populares? Bem entendido, que fazer, hoje e não amanhã, em relação à melhoria da situação do povo, isto é, que sugerir-lhe como programa mínimo de reivindicações imediatas?

Mas terá lógica estabelecer gradações nas reivindicações dos direitos do povo? Poderão esses direitos ser desdobrados em programas mínimo e máximo?

O povo dá tudo em sua ação de elemento produtor: dá sua atividade, seu esforço, seu sossêgo, sua saúde, sua vida. E que recebe como recompensa? Apenas o bastante para poder continuar trabalhando em proveito dos dominadores da época. Tem, portanto, tudo a reivindicar. E por onde começar? Somente ao povo cabe o pronunciamento. Sentindo nas próprias carnes as torturas da situação tormentosa de hoje, é o povo que sabe o que deve reclamar e quando o deve fazer.

Bem-estar e liberdade — é a síntese de suas aspirações e de suas reivindicações. Imensas são as suas necessidades e para satisfazê-las tem de ir arrancando, à resistência capitalista, com o próprio esforço e em permanentes e duras pelejas, pequenas porções dos ens que lhe cabem, até que, num embate derradeiro, possa entrar no gozo definitivo daquilo que representa o produto legítimo de suas labutas.

Ociosos seria pretender mencionar todas essas necessidades e essas reivindicações. Isso costumam fazer os profissionais da política, catalogando-as com incontáveis minúcias, em programas eleitorais, quando, em cata de votos, prometem ao povo este mundo e o outro.

Há, entretanto, reivindicações essenciais pelas quais, sem desviar a luta de seu objetivo verdadeiro — a transformação social — os anarquistas batalham com o povo para as conquistar, a fim de que ele tenha cada vez mais confinada no resultado de sua ação e também como um exercício permanente do espírito de iniciativa e da vontade ativa.